



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

PRÉ-TEXTO 5

O ADVENTO DO REAL NA CLÍNICA PSICANALÍTICA E NA CIVILIZAÇÃO

Silvia Migdalek

A conferência “A terceira” aconteceu em Roma, no ano de 1974, na ocasião do VII Congresso da Escola Freudiana de Paris. Nesse congresso, Lacan, além de sua conferência, teve a seu cargo a abertura e o encerramento. Um congresso que se estendeu ao longo de quatro intensos dias, dos quais contamos com alguns trabalhos, selecionados para serem publicados nas *Atas da Escola Freudiana*.¹ Para muitos, dentre os quais me incluo, os anos 1970 foram repletos de fatos políticos que nos marcaram sensivelmente. Poucos anos antes do início dessa década, o Maio de 1968 francês se infiltrava durante as aulas do *Seminário 17*, e os estudantes universitários interpelavam fortemente Lacan, que não apenas não se esquivava das perguntas pungentes que lhe dirigem os “revoltosos”, como também lhes responde decididamente: “eu lhes diria que a aspiração revolucionária só tem uma chance, a de culminar, sempre, no discurso do mestre. Isto é o que a experiência provou. É ao que vocês aspiram como revolucionários, a um mestre. Vocês o terão”.²

Em meu país, a Argentina, nesses anos, para ser precisa, em 24 de março de 1976, teve início o período mais obscuro de nossa história: um golpe militar instaurou uma ditadura, que levou adiante um plano sinistro de desaparecimento de pessoas, sequestros, torturas, apropriação de crianças, que eram entregues a amigos do regime e, às vezes também, a pessoas que “ingenuamente” escolhiam manter uma posição de negação, mediante a qual não queriam saber nada do horror... do advento de um real que se aninhou no coletivo social por muitos anos e que conserva, ainda hoje, as características de algo que não cessa em seus efeitos.

Simultaneamente, nesses mesmos anos, a psicanálise lacaniana se expandiu na Argentina com muita força, a qual, felizmente, ainda permanece vigente. Com muitos colegas, pensamos que os grupos de estudo de Freud e Lacan proliferavam nesse momento, haviam se constituído quase que como o único lugar-refúgio onde era possível falar de temas dos quais não se podia falar em

¹ LACAN, J. *Actas de la Escuela Freudiana de París – VII Congreso de Roma*. Barcelona: Ed. Petrel, 1980.

² LACAN, J. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 196.

parte alguma, já que, como é natural a um estado ditatorial, o clima que imperava era de medo e de desconfiança generalizada. Houve muitos que tiveram que buscar refúgio no eventual asilo político ou num exílio forçado, e durante muitos anos, na clandestinidade.

Essas breves referências temporais me parecem muito importantes para abordar nosso tema comum de trabalho em Barcelona em 2018, *Os adventos do real e o psicanalista*. O advento tem uma evidente relação com o tempo, sempre provoca um efeito de ruptura na temporalidade homeostática da série, seria possível dizer como uma espécie de funil temporal que, *après-coup*, emerge com uma “fidelidade não desejada”, tanto na transferência quanto fora dela, isto é, na vida de um sujeito. Em alguns atentados terroristas, nos quais prevalece o terror e o fator surpresa, foi possível constatar que alguns sujeitos que estiveram muito próximos do acontecimento da explosão, e que milagrosamente salvaram suas vidas, caíram numa espécie de desorientação espaço-temporal, e ficaram perambulando perdidos durante muitas horas, sem que as coordenadas habituais de sua realidade estivessem disponíveis para eles.

O advento sempre é da ordem da emergência. Em espanhol, esse termo (*advento*) tem dois dignificados: por um lado, serve para indicar algo que tem relação com o verbo “emergir” (“surgir da água” e também “brotar”); por outro, o do substantivo “emergência”, que indica acidente ou sucesso que sobrevém de forma imprevista (por exemplo, um “estado de emergência”). Como aponta Colette Soler, um advento pode ser algo esperado ou imprevisto, novo, inesperado.

Voltando às circunstâncias de “A terceira”, o texto que, de alguma forma, foi considerado introdutório ao seminário *RSI* (1974-1975), Lacan dá uma conferência de imprensa que nos situa plenamente numa das arestas de nosso tema, que é o dos adventos do real, enfatizando especialmente, nesse momento, a dimensão do real da ciência e suas consequências na subjetividade. Suas duas respostas são afiadas, e, em certos momentos, provocam um afeto que faz despertar, ao que hoje podemos conferir um valor antecipatório surpreendente. Acrescenta à série dos impossíveis freudianos – educar, governar e analisar – a posição do cientista: “A ciência tem uma probabilidade, é uma posição totalmente impossível, só que ela ainda não tem a menor ideia disso”.³ O único “brotinho” que temos disso é que as vezes os cientistas se angustiam, e isso nos dá alguma pista. A psicanálise aparece correlativamente a um certo avanço do discurso da ciência, e Lacan, evocando o *Mal-estar na civilização*, afirma que a psicanálise é um sintoma que faz parte desse mal-estar, e acrescenta: “o sintoma é o que há de mais real”.⁴ Além disso, com relação ao psicanalista, ele diz que este se encontra num momento de mutação, já que, “*por um breve momento*, pudemos nos dar conta daquilo que era a intrusão do real. O analista, por sua vez, permanece ali. Ele ali está como um sintoma, e só pode durar como sintoma. Mas vocês verão que vão curar a humanidade da psicanálise. De tanto afogá-la no sentido”.⁵

A psicanálise, a partir do acontecimento Freud na Cultura, com o descobrimento do inconsciente, nos outorga um novo modo de tratamento do real. Freud e seu dizer que assinala que “isso deve advir”.

³ LACAN, Jacques. “La troisième” – VII^{ème} Congrès de l’École freudienne de Paris, Rome (31/10 – 3/11/1974). No original: “La science a une chance, c’est une position impossible tout à fait également, seulement elle n’en a pas encore la moindre espèce d’idée”.

⁴ *Ibid.* No original: “le symptôme, c’est ce qu’il y a de plus réel”.

⁵ *Ibid.* No original: “Pendant un petit moment, on a pu s’apercevoir de ce que c’était que l’intrusion du réel. L’analyste, lui, en reste là. Il est là comme un symptôme, et il ne peut durer qu’au titre de symptôme. Mais vous verrez qu’on guérira l’humanité de la psychanalyse. À force de le noyer dans le sens”.

Proponho escandir o título de nosso X Encontro, considerando, por um lado, o sintagma “adventos do real”, no plural, tal como foi ressaltado nos pré-textos que já circularam, e, por outro, o psicanalista, que se encontra preocupado por tais adventos, tanto em sua prática clínica quanto pelo que é veiculado nos discursos da cultura e seu mal-estar.

Enumeremos, então – de forma não exaustiva e meramente indicativa – alguns modos do advento do real que nossa prática clínica convoca fatalmente: as marcas de fixação de gozo traumático em sua irreducibilidade, a viscosidade e a inércia da libido no sintoma, a angústia, a irrupção da repetição em sua dimensão de *Tykhe*, a colocação em causa do objeto *a* no discurso analítico no lugar de agente, fazendo cair os véus das identificações, ao quais, paradoxalmente, a própria transferência, em seu momento de instalação como SsS haveria oferecido um véu, e, por fim, um S_1 no lugar da produção, ao qual, pela via do desejo do analista, como desejo de obter a diferença absoluta, o sujeito, afrontado pelo significante primordial, “vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele”.⁶ A análise, como sugere Lacan no *Seminário 11*, requer certa valentia, já que conduz, como nenhuma outra práxis, ao osso do real. A psicanálise depende do real, tanto daquele que emerge em uma análise quanto daquele que é feito da ciência e da tecnologia na civilização. Cabe a nós, praticantes da psicanálise, sustentar o discurso do analista, nesta época do capitalismo, cujo real é que justamente não promove os laços sociais. Nossa política deve responder a ele, sem desconhecer suas consequências, e seguir apostando, então, no laço social inédito inventado por Freud, o laço analista-analisante, que implicou o advento de algo que não encontra nenhum modelo nas relações habituais que mantemos com nossos semelhantes. É talvez por esta via que Lacan também aspirava que a psicanálise tivesse algo novo para dizer sobre o amor, já que ele postula o advento de um novo amor, que não desminta o real da impossibilidade da escrita da relação/proporção sexual...

Ressaltemos que, do mesmo modo que em 1974, Lacan evocava os 20 anos de “sua primeira”, a conferência de Roma de 1953, nosso encontro em Barcelona também marcará os 20 anos da criação da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, isto é, da colocação em primeiro plano da clínica do gozo e do real que o atravessa. Uma fundação que se originou no questionamento do mau uso do UM, e, por conseguinte, tendendo ao pensamento único na instituição analítica. Esses são os significantes que, todavia, nos representam. Teremos a oportunidade de recordar isso, mas também dedicaremos metade de uma jornada para debater sobre a política do Campo Lacaniano hoje. Quais foram seus efeitos, seus resultados, e, não menos importante ainda, atendendo às particularidades que as distintas zonas de nosso conjunto internacional apresentaram. As fortes crises políticas, sociais e ideológicas que prevalecem hoje em nosso mundo do capitalismo globalizado podem ser lidas – em parte – a partir das potentes ferramentas conceituais da psicanálise. Freud e Lacan se ocuparam suficientemente da relação entre a psicanálise e a política. Para nós, analistas do campo lacaniano, trata-se da política do gozo em seus diferentes enodamentos. O gozo, que com seu caráter entrópico constitui uma espécie de economia política, e a segregação que é inerente à estrutura do *parlêtre*, o gozo segrega, separa. O que não é o mesmo que o racismo ou a discriminação. Lacan dizia que o inconsciente é a política, isto é, que o analista no consultório trabalha com isso e com o objeto *a* como semblante. Fora do consultório, ele pode ter uma posição ideológica política qualquer, inclusive mais ou menos fanática, com a condição de que isso não interfira em sua escuta. Hoje, um colega me contava que uma analista

⁶ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 260.

Ihe havia dito que não aceitava pacientes “gorilas”, * termo que, na gíria local, hoje é utilizado para designar alguém muito de direita... Penso que nossa política de tratamento do real da segregação na instituição analítica deve se subordinar à política de estar separados juntos, dos dispersos desparelhados.

O real da ciência e a segregação

Não são poucos os lugares nos quais Lacan adverte sobre o que poderia advir do real. Na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, dirigida aos analistas da Escola, ele também se ocupa disso, e adverte sobre o real da ciência. Recentemente, esse texto fundante de nossos princípios completou 50 anos de publicação, e não deixa de ser surpreendente o poder antecipatório de que falávamos acima.

Cito: “No real da ciência que destitui o sujeito de modo bem diferente em nossa época quando apenas seus partidários mais eminentes, como um Oppenheimer, perdem a cabeça”.⁷

Hoje temos as neurociências, que, em suas versões mais radicalizadas, prescindem por completo da dimensão do sujeito, além de serem poderosas aliadas do “pujante” mercado capitalista dos laboratórios. Lacan também se pronuncia sobre isso na “Proposição”, e lemos que “nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação”,⁸ e, graças aos efeitos de universalização da ciência, vislumbra certos reordenamentos dos agrupamentos sociais como consequência desta universalização.

Por último, Lacan indica “três pontos de fuga” como uma espécie de projeção de nosso horizonte; trata-se do que, como psicanalistas, deveremos ter em perspectiva, daquilo que não poderíamos deixar de nos ocupar, colocando em jogo a psicanálise em extensão, enodada, porém, à hiância da psicanálise em intensão.

Ele situa, então, como terceira incidência, aquela que provém do real, e a conecta com o campo de concentração e a segregação, e convoca os psicanalistas a se ocuparem disso, sem desviar o olhar. O real da segregação no grupo analítico e na civilização. Com relação à segregação, é interessante lembrar que Lacan reconhece a fraternidade, uma de suas formas mais nítidas, e se faz tanta falta recordar que somos irmãos, é porque, em algum ponto, não somos...

Devemos levar em conta o real da ciência e da tecnologia em nosso horizonte, para conhecermos suas novas formas e podermos operar sobre os novos reais em sua incidência subjetiva, pelos novos gozos ofertados e a proliferação de *gadgets* a serem consumidos. Freud, em *Mal-estar na civilização*, pensava que essa submissão pura e simplesmente aos avanços da ciência e da tecnologia não implica, em si, um avanço no bem-estar da humanidade.

É tarefa da psicanálise se *aggiornar* e dialogar com os discursos existentes, já que nosso dever é não ignorá-los. A ciência avança inexoravelmente, ainda que não se saiba exatamente para onde, e, como afirma Lacan, seus efeitos geralmente são consideráveis providenciais, isto é, parte-se da premissa de que isso vai na direção de proporcionar bem-estar ao homem. Não se trata de se opor

* Algo próximo ao sentido que o termo *bolsominion* – isto é, fãs ou seguidores do deputado brasileiro Jair Bolsonaro (deputado do Partido Social Cristão do Rio de Janeiro, conhecido por suas posições extremas, violentas e polêmicas) – vem adquirindo.

⁷ LACAN, Jaques. “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 257.

⁸ *Ibid.*, p. 263.

a isso e reivindicar os benefícios que poderiam trazer um retorno à idade da pedra. Trata-se de refletir acerca de seus efeitos, como fizeram Freud e Lacan, dado que eles transformam a subjetividade de nosso tempo, e o sujeito sempre deve assumir diante deles uma posição ética e, por conseguinte, implicam um juízo íntimo, uma decisão e uma escolha. É aí onde o discurso do analista pode ter uma incidência.

O real que produz a ciência é o mesmo real da psicanálise? Isso poderia ser discutido, mas, em todo caso, podemos convir que o gozo é o real da psicanálise, com o qual operamos e intervimos, produzindo mutações, transformações, seres mutantes, habitantes de um mundo que tem o privilégio, ou o infortúnio, de certa condição de extraterritorialidade...

*Tradução: Cícero Oliveira
Revisão: Sandra Berta*

Referências bibliográficas

LACAN, J. *Actas de la Escuela Freudiana de París – VII Congreso de Roma*. Barcelona: Ed. Petrel, 1980.

LACAN, Jacques. “La troisième” – VII^{ème} Congrès de l’École freudienne de Paris, Rome (31/10 – 3/11/1974).

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jaques. “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.